

Um carro azul

João de Pina Cabral

NO DIA DA COMPRA DO CARRO, ESTAVA EU JÁ deitada há muito tempo, quando a porta de ferro do apartamento correu nos rodízios, batendo sonoramente contra o travão. Logo de seguida a porta de madeira abriu-se com um estrondo. Entrou pela casa dentro toda uma algazarra de vozes masculinas. Ouvia-se-lhes na fala o descontrolo de quem tinha bebido demais.

Não era a primeira vez que o meu irmão voltava a casa com uns copos a mais. Mas era a primeira vez que vinha com tanta companhia.

A porta do meu quarto, entreaberta, foi empurrada por uma mão masculina. Era o Ah Wai, vestido com o casaco de couro preto que lhe tinha comprado, depois de ter passado meses a pedinchar-mo. Trazia jeans azuis e ténis brancos nos pés. Como sempre tinha o cabelo muito curto. Pensava assim poder esconder melhor os sinais de calvície que começavam já a surgir. É encorpado como era a mãe; tem os movimentos lentos e hesitantes de que me lembro nela.

Depois do gesto inicial de fanfarronice com que abriu a porta, não sabia muito bem como continuar. Levantou a mão e fez tilintar as chaves de um carro. Ainda deitada, perguntei:

– Que queres com esta algazarra toda? Que chaves são essas? Para que me estás a incomodar?

– Estas são as chaves do meu novo carro.

– Qual carro? Estás parvo? Em que porcaria te meteste tu? Estás outra vez bêbedo, é?

Lá fora os risos e apupos repetiam-se. O Ah Wai não sabia por onde se meter. Levantei-me, vesti o roupão, passei uma escova pelo cabelo; por fim, empurrei-o para a porta:

– Quem são estes?

Eram três rapazes que eu já conhecia de acompanharem o Ah Wai, mas havia agora um outro mais velho, com um ar seguro, sentado na mesa da sala de jantar com um pé pousado

num dos bancos. Vestia um blusão de ganga azul. Era alto e tinha o cabelo comprido com uma franja (à Beattle, como se dizia na altura). Estava a fumar.

– O teu irmão comprou um carro, para ir dar umas voltas por aí. – Sorria-se conforme ia falando, com ar de quem sabe mais do que o que está a dizer.

O Ah Wai virou-se para mim, segurando-me ao de leve o braço, falando cada vez de forma mais incerta:

– Tens que me dar dinheiro para eu arranjar os documentos. O dinheiro da Tia só deu

para comprar o carro. – Gastaste-o...? – A pergunta formulou-se na minha boca só durante o tempo suficiente para pensar no que se passava. Eu sabia bem que ele fora enganado. O dinheiro que tínhamos herdado da tia não era suficiente para um carro novo, mas daria para um qualquer carrito em segunda ou terceira mão a cair aos pedaços. Não queria, no entanto, que perdesse a face em frente aos amigos. Aliás, considerando a atitude deles e a minha fraqueza relativa, nem sequer era boa ideia.

– Bom, isso não é agora, a esta hora, que a gente vai decidir. Amanhã voltamos a falar.

Ponte da Taipa.
Fotografia de Ricardo Fonseca.



Mas ele estava ainda um pouco bêbedo e os outros riam-se, comentando a forma como corava ao falar comigo. Respirou fundo e saiu-se com esta:

– Aqui o homem sou eu, merda! A loja não é tua, é da família!

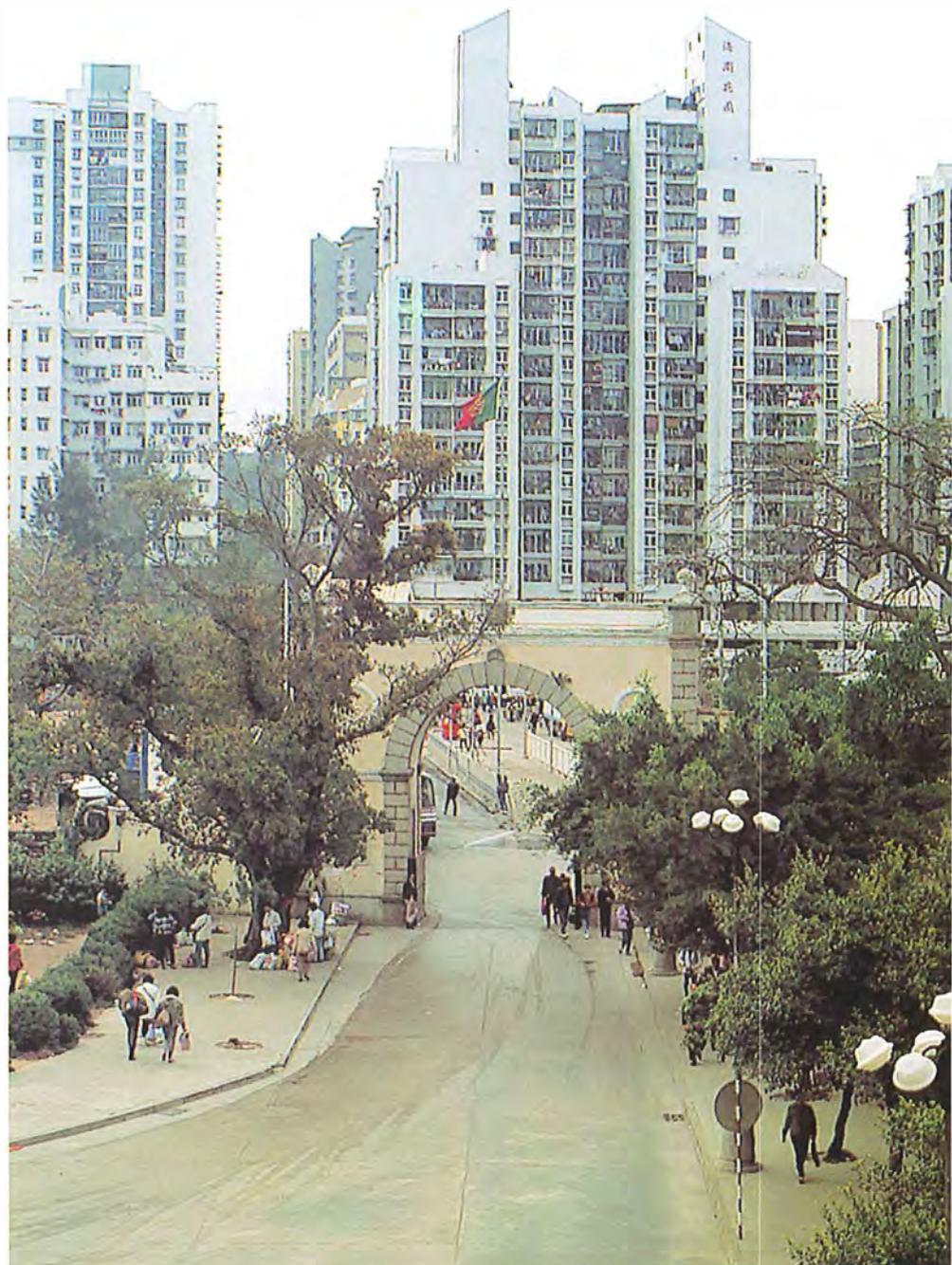
Eu sabia muito bem o que ele queria dizer. Como mulher, eu não era mais do que a gestora temporária de uma herança que lhe pertencia a ele por inteiro; no momento em que eu me casasse, ouviria a porta a bater atrás de mim, levando só como dote o que ele tivesse a gentileza de me dar.

Olhava de lado para os amigos. Coitado! Fraco como sempre! Estou certa que tinham sido eles a pôr-lhe aquilo tudo na cabeça. Mas estava a começar a assustar-me, tinha medo de perder o controlo da situação. Decidi mudar de direcção:

– Mas estou a ser malcriada! Vocês não querem tomar nada? Estão com fome de certeza. Tenho aqui Coca-Cola e uns restos de comida que trouxe da confeitaria. Uns pães recheados. Já não prestam, é claro, mas a esta hora terão que ser compreensivos e servir-se do que há.

Virei as costas e dirigi-me para a cozinha. Voltei com um tabuleiro cheio de bebidas, copos, pães recheados, tartes de ovo e uma malga com amêndoas secas. Pousei tudo na mesa. Foi forma segura de os controlar. Estavam constrangidos, mas a fome apertava. Sabe sempre bem pôr comida na barriga por cima da cerveja.

Foram-se aproximando. Pus tudo o mais próximo que pude do rabo impudente do tipo mais velho, que se tinha sentado na mesa (chamavam-lhe deferencialmente Peter): era uma espécie de assédio. Acabou por saltar do poleiro e sentar-se num banco, como todos os outros. Curei-lhes os espíritos com uma dose violentamente materna de pães recheados e



tartes de ovo. Quando saíram, até o Peter murmurou uma espécie de agradecimento. Os outros, atrás dele, foram bastante mais explícitos.

No dia seguinte, ao ver o carro, não consegui reprimir um sorriso: era um Ford Escort velho, com a tinta azul mais manchada que o chão de um mercado. Confirmei que tinha sido o Peter quem servira de intermediário na venda. Já era tarde demais, não havia nada a fazer senão tentar tirar algum proveito da situação. Desde logo, pus o Ah Wai a distribuir encomendas para os restaurantes e a carregar produtos.

O sistema funcionou bem durante mais ou menos uma semana. Um dia o Ah Wai não voltou à hora combinada. Na manhã seguinte, quando me queixei de ter tido que alugar um táxi para levar os bolos, respondeu-me que o carro tinha sido preciso para outra coisa. Dei-lhe um raspanete dos grandes e ameacei deixar de lhe dar de comer se não fosse imediatamente buscar o carro. Nessa noite, o carro estava já de volta, mas ele vinha cabisbaixo. Não parecia estar zangado, pelo contrário dava todos os sinais de estar com *stress*. Tinha medo.

Eram aí umas dez horas da manhã seguinte, quando me apareceu o Peter à porta da loja. Serviu-se de um pão recheado, como se estivesse em casa, sem sequer me ter falado.

– Quero usar o carro.

– O Ah Wai saiu para levar umas encomendas. Hoje precisamos dele.

– Não precisam, não.

Ficou ali calado. De vez em quando olhava para mim apreciativamente, mas com um sorriso irónico – que eu sabia ser falso. Entretanto o Ah Wai voltou. Ele deu-lhe uma cachaçada, tirando-lhe as chaves da mão. Nem sequer olhou para o meu irmão antes de sair da loja. Voltou atrás para dizer sorridente: Adeus linda!

Ao escrever isto sinto-me enfurecida, mas na altura acho que não fiquei mais do que vagamente irritada. Faço um esforço por me compreender. Eu conhecia o meu irmão – a fraqueza dele não era surpresa. Por outro lado, eu sei que não sou especialmente bonita. Só que, na altura, com vinte e dois anos, estava no auge da vida. Pode parecer ridículo, mas o facto deste homem dominar o meu irmão, que eu antes dominava, tornava-o atraente para mim. Será realmente estranho que eu não tenha ficado chateada com o Peter?

Quando voltei a mandar o Ah Wai reaver o carro, voltou com uma grande mancha negra no queixo. Dois dias depois o Peter apareceu na loja. Repetiu-se a cena do roubo do bolo e do silêncio inicial. Não parecia estar tão certo do que queria como da última vez.

– Vou precisar que o Ah Wai faça umas entregas e que vá buscar uns sacos de farinha. Vou mandá-lo pedir-te o carro.

– Porque é que não vens tu?

– Eu trabalho, não sou um mandrião. Não tenho tempo para perder com maus elementos como vocês.

Sorriu-se. Terá sentido algum carinho dentro da minha crítica? Que me terá acontecido? Hoje, sou incapaz de reconstruir a origem dos meus sentimentos. A memória causa-me até um certo asco. Só pode ter sido que, nessa altura, eu estava a crescer por dentro, como tinha há muito crescido por fora. Estava sozinha demais. Se calhar este foi simplesmente o primeiro homem que quis entrar na minha vida.

Deixei-o na loja enquanto fui lá dentro. Depois servi alguns clientes. Que é que o retinha? Agora acho que, por muito que não o confessasse a mim mesma, tinha uma boa ideia do que se estava a passar. Voltei a entrar na porta do fundo para fingir que estava ocupada. Veio atrás de mim. Voltei-me para sair com uns car-

tões na mão mas barrava-me a passagem. Estava encostado a uns caixotes de madeira com o pé apoiado na parede em frente.

– Deixa-me passar!

– Passa! – Via-se que enchia o peito com algum nervosismo.

Ri-me, pus a mão esquerda no pescoço dele e empurrei-o maternalmente para a porta, dizendo: Vá, seu rapazola, já chega de brincar aos filmes. Queres que eu me torne uma atriz de cinema loura e americana, assim de repente? Juízo, até parece que não sabes que isto aqui é Macau!

Pela altura em que terminei de dizer a minha arenga, já tinha o balcão outra vez entre mim e ele. Entraram na loja três rapariguitas que falavam muito e não se decidiam. Deixei-as demorar, com algum alívio. Mal saíram, desencostou-se da parede de azulejo branco, partindo sem olhar para mim. Já no passeio, de costa para mim, disse: Quando queres o carro?

– Às cinco.

– 'Tá bem.

No dia seguinte, às cinco e meia da tarde, o meu irmão continuava sem dar sinais de vida. Preparava-me já para fechar a loja, pensando que ia voltar a ter que chamar um táxi, quando tocou uma buzina na rua. Saí com os caixotes, meti-os nas traseiras do carro e voltei atrás para fechar as grades. Só quando me estava a sentar ao lado do condutor é que percebi que era o Peter. Estava muito penteado, com uma camisa roxa e umas calças azuis escuras. Cheirava a perfume. Tenho que admitir que o achei bonito.

Quando voltávamos a casa, depois de tudo feito, virou o carro para o Miradouro da Senhora da Guia. As paredes de cimento da igreja católica refletiam os tons alaranjados do pôr do sol. Saímos do carro e sentámo-nos num banco por sobre um pequeno relvado inclinado. A cidadezinha estendia-se à nossa frente. Vista de cima, Macau parecia minúscula.

À direita, a luz do pôr-do-sol brilhava sobre a água lamacenta do mar, cortada pelas luzes amarelas da ponte da Taipa. As embarcações, escuras como insectos, movimentavam-se a velocidades diferentes.

Cobriu timidamente a mão que eu tinha pousado sobre o banco com a sua. Por essa altura, eu já tinha decidido que iria ser como acabou por ser. Não havia nenhum homem que me protegesse; o meu irmão, à mais pequena pressão, estaria pronto a pôr-me na rua. Em suma, tinha tudo a perder se não pusesse este do meu lado.

Ao sentir a mão quente e húmida sobre a minha, porém, eu sabia que não o amava cá no fundo. Era simplesmente o peixe que me tinha caído na rede. Pegar ou largar; não tinha opção. Família eu não tinha; a minha educação não me permitia pensar em empregos que não fossem manuais e humilhantes; o dinheiro das poupanças, a confeitaria, a clientela, tudo isso era sol de pouca dura! Macau é uma terra onde os fracos se afundam sem deixar rasto. Não tinha sido isso mesmo que acontecera aos meus pais, durante aquela terrível noite do tufão? A minha segurança estava onde era menos provável que ela aparecesse: nas mãos deste pequeno rufia, chefe de um bando de delinquentes, por quem eu tinha até algum carinho.

Era uns meses mais novo que eu. Nunca tinha conhecido nenhuma mulher. Tinha todas as más intenções do mundo, nenhuma educação moral e pouca educação de qualquer género... mas não era ainda muito vicioso, era só brutal. Tinha aprendido muito cedo o valor da brutalidade. Como acabou por me contar mais tarde, foi na escola, em miúdo, que descobriu que, se batesse nos outros, obteria benefícios inesperados. Decidiu-se a aprender a bater: inscreveu-se numa dessas mal-fadadas escolas de «artes marciais». Na altura em que o conheci ainda pertencia a um grupo da dança

do leão. Pouco depois, conforme o seu pequeno grupo de seguidores se foi solidificando, deixou de ter tempo para isso.

Batia por encomenda; fazia trabalhos clandestinos de vigia; traficava pequenas quantias de droga ou fazia de intermediário em pequenos negócios de agiotagem; ajudava a transitar mercadoria para um lado e outro das Portas do Cerco. Enfim, dependia principalmente dos contactos do amante da mãe – uma viúva alegre que trabalhava numa loja de penhores perto da Rua da Felicidade. Este homem, que eu vim a conhecer mais tarde, era a própria imagem dele, só era mais velho. Nessa época, vestia-se com uns fatos azuis, com calças de boca de sino e gravata psicadélica. Uns anos depois, acabou por ter de sair de Macau à pressa, mas foi apanhado pelos compinchas desavidos. Acabaram com ele num quarto de hotel em Taiwan.

Quando descemos da Guia, levou-me a jantar numa loja de comidas em frente ao barco-casino, no Porto Interior. Comemos uma sopa de fitas com *vantan* e bebemos Coca-Cola. Conduziu-me a casa. Com o carro parado em frente à porta, estávamos ambos hesitantes. Ele olhava para o tablier como se houvesse lá algo de importante. Não sei o que me deu! Como ninguém passasse na rua nesse momento, inclinei-me toda sobre ele e pespeguei-lhe com um grande beijo na boca. Depois saí rapidamente do carro, fechando a porta do prédio atrás de mim.

O Ah Wai estava à espera, sentado à mesa. Tinha adormecido por cima do jornal aberto. A luz da lâmpada eléctrica dependurada pelo fio no meio da sala brilhava na pele suada da sua cabeça, onde já restava pouco cabelo.

Acordei-o. Começou a esfregar a careca e a dizer que tinha fome. Tirei algumas coisas do frigorífico, sem prestar atenção à cena dele. Fui-me deitar. Apesar de ter dormido toda a

noite, a sensação que tive foi de ter sido quase logo acordada por um pesadelo. Sonhei que estava na loja e que, na parede do lado dos clientes, estava dependurado sobre os azulejos brancos um quadro antigo pintado em vidro, com um espelho redondo no meio. O fundo era cinzento esverdeado e as figuras estavam delineadas a preto e pintadas com cores vivas: rosas, laranjas e azuis claros.

A toda a volta do caixilho havia rosas vermelhas. Do lado esquerdo do espelho estava uma mulher nua com frutos nas mãos; do lado direito estava uma mulher vestida à antiga, com uma gaiola de pássaro na mão. Dei volta ao balcão para ver melhor. Pensava que a Mãe tinha deixado o quadro ali, surpreendia-me nunca o ter visto antes. Ao aproximar-me vi alguém reflectido. Tive um choque quando percebi que era o meu irmão, cuja cara espreitava ansiosamente para o espelho. Depois é que reparei que as mulheres na pintura eram eu própria. A minha própria nudez deixava-me crescentemente ansiosa.

Agora era o Peter que estava reflectido no espelho. Sorria-se com aquela cara tonta de quem sabe tudo o que se está a passar, que lhe é tão característica quando não está certo do que se passa. Por trás de mim, ouvia a Tia a dizer que a família precisava de um herdeiro, que tudo o que eu fazia era comer o arroz da família. Então, o espelho reflectia a mulher nua que era eu, de cócoras, encostada à parede verde alface esburacada, da minha sala, chorando perdidamente. Agora, em volta do espelho, a pintura era uma série de carros azuis que evoluíam entre ramos de flores. Era como um colar em volta ao meu pescoço, abafando-me. Acordei assustada.

Senti necessidade de contar aqui este sonho, porque nunca mais o pude esquecer. E ainda porque mais tarde vim mesmo a encontrar-me acorada contra a parede verde da

sala, sofrendo na realidade o desespero do sonho premonitório. Foi, então, muitos anos depois, que soube finalmente que a única saída era a fuga. É essa a história que te tenho para contar, Zé.

Logo de manhã o Ah Wai apareceu na loja. Enquanto comia arroz, vociferava para si próprio, como era seu hábito quando cozinhava qualquer ideia infeliz no interior daquele seu reduzido cérebro. Dizia que queria dinheiro. Respondi que já lhe tinha dado a mesada, ao que retorquiu que, a partir de agora, era ele quem decidia o que se fazia ao dinheiro naquela casa. Queria que eu abrisse a caixa e lhe desse uma soma qualquer despropositada – já não me lembro da quantia. Ri-me dele. Nem eu jamais teria uma soma dessas na caixa, nem ele tinha forma de a extorquir. Deu um murro no balcão e saiu numa fúria.

Durante o dia fui pensando no que se passara. Aquilo não era para brincadeiras. Sabia que o Ah Wai tinha começado a jogar no casino. Como não era muito brilhante, suspeitava que as longas sessões de *mah-jong* que fazia com os amigos, também acabavam por resultar em perdas consideráveis. Normalmente perdia quase todo o dinheiro que eu lhe dava no princípio de cada mês e sem dúvida que ainda perdia o dinheiro que ganhava dos biscates que fazia para o Peter. A coisa tinha começado a preocupar-me seriamente; era raro acabar um mês sem ele pedir dinheiro; gastava o equivalente a um salário de empregado de escritório – o que, para nós, na altura, era muito. Não era uma pessoa em quem eu pudesse confiar. Ele próprio, coitado, não podia confiar em si mesmo! Estava assustada e tinha que agir antes que fosse tarde demais. Não queria ser eu a aparecer uma manhã, inchada, a boiar para os lados de Coloane.

Aí uma hora depois, reparei que passava em frente à montra um amigo deles. Chamei-o

e pedi-lhe que fosse dizer ao Peter que o convidava para jantar naquela noite. Aquela foi a primeira de muitas, muitas noites em que o Peter veio jantar a minha casa. Chegava com o Ah Wai depois de eu ter fechado a loja e sentavam-se à mesa a ver televisão, esperando que eu os servisse. De vez em quando o Peter dizia uma frase curta ao Ah Wai, sobre o que fariam ou não no dia seguinte. Depois de acabarem, geralmente saíam outra vez.

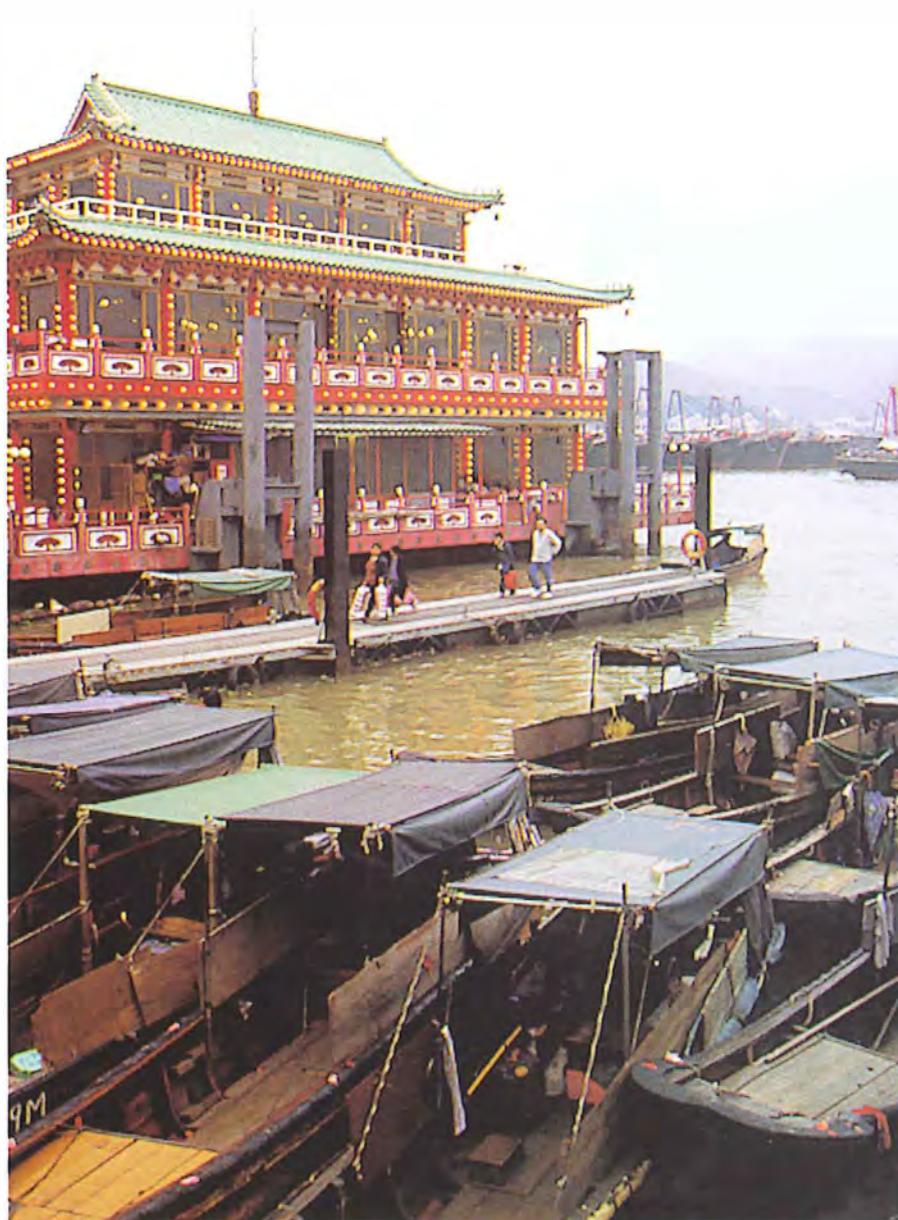
As coisas estiveram neste pé aí durante uns três meses. Até que uma noite, mais ou menos uma hora depois de terem saído, alguém bateu à porta. Quando abri estava lá o Peter, com uma cara enfiada, muito vermelho. Via-se-lhe um bago de suor na testa. Deixei-o entrar.

(Tenho medo que, quando leres isto, penses mal de mim, Zé! Não posso deixar de contar, só posso ser verdadeira. Às vezes não me reconheço nas minhas próprias memórias. Tenho que me dizer a mim mesma que, se me lembro, é porque fui eu. Meu Deus! Tudo o que hoje tenho para me justificar é a certeza que o que sinto por ti, Zé, não é nada igual ao que senti por ele.)

Aquela foi a única solução que consegui encontrar. Se insistisse no casamento, o Peter começaria por fugir, mas só por algum tempo. Lembro-me que havia uma coisa que eu temia mais ainda do que perdê-lo como protecção contra a fraqueza do meu irmão: que usasse de força comigo. Eu estava intimamente convencida que, da primeira vez que isso acontecesse, estaria perdida. Seria mais um brinquedo na mão de um tiranete de rua a quem nunca ninguém tinha ensinado a conhecer os benefícios do amor.

Mas estarei a ser honesta? Eu tinha vinte e três anos, era pobre, não era muito bonita e não tinha quem me protegesse. Vivia presa à minha loja; sem isso, nem eu nem o Ah Wai teríamos com que subsistir. Quando é que alguém volta-

Barco-casino no Porto Interior.
Fotografia de Eduardo Grilo.



ria a entrar na minha casa? A verdade é que não me lembro de ter pensado nisso. Lembro-me sim, do fascínio de estar a brincar com o fogo.

– Entra! Que te aconteceu? Estás tão suado!
– Não lhe dei tempo para dizer nada. – Vai tomar um duche. Pega, aqui tens uma toalha. Eu estou no quarto.

Nunca mais me esqueço da figura cómica que ele fazia quando apareceu no limiar da porta do meu quarto, coberto só com a toalha, descalço, com o cabelo húmido despenteado. Estava recortado em silhueta pela luz crua da lâmpada pendurada na sala. Ainda era um rapazito, com o peito estreito mas musculado, brilhante, sem um único pelo no corpo.

Doeu-me bastante. Sangrei muito. Ele estava muito excitado e veio-se rapidamente. Mal recuperou a respiração, saltou da cama para se vestir. Fiquei deitada a dormir. Estava dorida, mas ao mesmo tempo sentia-me bem, num estado de excitação passiva. Quando o ouvi tossir, antes de abrir a porta (não sabia como agir, estava intensamente confuso), falei-lhe alto: «Agora vai dormir, Peter. Amanhã faço-te carne picada com peixe seco.» Eu sabia que era o seu prato favorito.

Aos poucos foi ficando mais e mais, até que, ao fim de uns meses, vivia lá. Foi nessa altura que, uma noite, o convenci que a loja e o apartamento não estavam seguros na mão do meu irmão. Poucos dias antes, o Ah Wai tinha sido sovado severamente por causa de uma dívida ao jogo, que eu acabara por ter de mandar o Peter pagar. Ele apercebia-se tão bem quanto eu de que não ia demorar muito tempo até surgir nova crise. No princípio, tinha sido ele o responsável por levar o Ah Wai a esses sítios, mas agora o vício do meu irmão era imparável. Ora, ele era brutal, fanfarrão e violento, mas sabia muito bem o que lhe convinha.

Eu já tinha ido falar com um advogado para me informar sobre a maneira de fazer as coisas.



Farol da Guia. Arquivo CNCDP.

Tendo os papéis todos preparados, dei indicações ao Peter que, quando quisesse, a coisa poderia ser feita. Passados uns dias, quando estávamos a jantar, apareceram à porta três dos amigalhões do Peter. O Ah Wai não tinha sido informado. Até ele percebeu logo que havia ali algo de estranho.

Quando entraram, fechei as duas portas. Por essa altura, o Ah Wai já se tinha levantado da mesa. Tinha na mão os pauzinhos com que estava a comer. O Peter indicou aos outros que se sentassem à mesa. Fui buscar chá e uns pastéis de ovo que tinha trazido da loja. Quando voltei à sala, o Ah Wai ainda estava de pé. Pus-lhe a mão no ombro para que se sentasse.

O Peter quebrou o silêncio, sem sequer tirar a malga de arroz de em frente à boca: – É assim Ah Wai: tu agora levaste esta carga de porrada. Aqui a tua irmã deu o dinheiro e a gente tirou-te de trabalhos. Mas isto é coisa que não vai poder voltar a acontecer.

– Ah, mas eu juro que nunca mais volto a jogar. Aquilo foi um dia de má sorte. Pode acontecer a qualquer um! – Olhava à sua volta como quem pede compreensão: – Nunca mais, nunca mais volto a perder assim. Aliás, de certeza que os tipos me enganaram. Eu... Vocês sabem como é!

O Peter interrompeu-o: – Não vale a pena! A gente não vai acreditar em ti. Não vale a pena. – Fez-se um silêncio.

O Ah Wai olhava à sua volta. Vi na sua cara que não sabia bem se lhe iam bater outra vez. Acenei a cabeça para que percebesse que podia estar descansado.

– Bom, aqui nós achamos que o melhor é prevenir para que não haja problemas no futuro. Esta loja e este apartamento foram arrançados à custa do trabalho da tua irmã, mas os vossos nomes estão juntos nos papéis. Isso não dá. Amanhã tu perdes ao jogo e ainda me põem a mim na rua! – Deu uma gargalhada e os

outros todos à volta riram-se muito. – Portanto, a gente vai separar as coisas. Tu ficas com o carro, a tua irmã fica com a loja e o apartamento, que ao menos ela não os vai perder ao jogo.

– O carro é meu, a casa é minha! Ela é mulher, ela não herda. Isso é um roubo, como é possível? Eu vou precisar do dinheiro. Eu não... – Olhava para mim com uma cara de incompreensão total. Tentei explicar-lhe que era só no papel, que as coisas não mudavam entre nós, que ele não precisava de se preocupar. Mas o Peter interrompeu-nos brutalmente: – Caluda! Acabou-se a conversa. É assim, é assim e pronto! Não há aqui conversas, merda! Pousou a malga e os pauzinhos na mesa e limpou a boca com as traseiras da mão. Levantou-se lentamente. Quando estava em pé por trás do Ah Wai pôs-lhe a mão sobre o ombro. Ria-se. Só me lembro de reparar que, na careca do meu irmão, tinham aparecido umas manchas vermelhas.

Virou-se contra mim: – Tu vais pagá-las, puta! Tu pensas que podes roubar a tua família para dar aos outros? Tu...

O Peter não o deixou acabar. Apertou-lhe a mão no ombro, fazendo-o torcer-se de dor: – Ela não é aqui chamada. Não gostas, falas comigo. O.K.? Ninguém te vai tirar nada, só que assim já sabes: fazes as dívidas que quiseres, mas pagas por elas. Estes estão aqui para servirem como testemunhas de que estás informado. Bom, e outra coisa: avisei a minha mãe para dizer aos gajos lá do casino. A malta está informada. Comida e o resto, aqui a tua irmã paga. Dívidas ao jogo, pagas tu com o teu corpinho quantas vezes for preciso até deixares de estar em condições para pagar dívidas. Compreendido?

Fez-se um longo silêncio. O Peter foi à casa de banho antes de saírem os quatro levando com eles o papel já assinado, para o pôr na

caixa do correio do advogado. Ficámos os dois sozinhos.

– Olha Ah Wai, tens que compreender, é para teu bem. Um dia destes íamos perder a loja e o apartamento e depois quem é que te ia dar a mesada?

– Tu és uma puta. Vendeste-me a mim e à família ao teu chulo. És uma puta!

– Ah Wai!!

Saiu, batendo a porta com força. Eu tinha-o traído, é verdade... mas era para o proteger... Por outro lado, também é verdade que eu lhe tinha atado as mãos antes sequer de ele ter tempo de fazer mal. Foi uma lição muito rude para o pobre infeliz. Não se curou do vício do jogo, é claro – essas coisas são para sempre – mas parou temporariamente aquela espécie de corrida para o abismo.

Esta cena, afinal, acabou por constituir um momento de viragem incontornável, não só na sua vida, como também nas nossas. O Ah Wai foi-se distanciando da casa. Enquanto a sua presença se tornava menos assídua, a do Peter ia-se intensificando. A nossa relação chegou a um ponto alto no ano em que fiz vinte e sete anos.

É claro, nunca me inspirou muita confiança, mas essa era a base da nossa relação. Cada vez que passava uns dias fora de casa em negócios, em Hong Kong ou na República Popular, voltava com novas maneiras, assim como com novidades sexuais. Eu fingia que não percebia... para quê? Até ia colhendo alguns benefícios das escapadelas. Aprendeu a esperar pelo meu orgasmo; aprendeu a fazer amor sem pressa; aprendeu a ser limpo; a não assoar o nariz ao lençol; a não sair logo da cama a correr; etc.

Mudou muito nessa época; ia-se tornando um homem maduro. A fuga e subsequente morte do amante da mãe contribuíram também muito. Libertou-se da dependência servil

que os unia e, ao mesmo tempo, ganhou maior margem para manobra e expansão. Arranjou um pequeno escritório de *import-export*, de onde ia gerindo uma rede crescente de actividades, sempre mais ou menos ilegais. Fui eu quem lhe comprou o primeiro fato e gravata e lhe emprestou o capital para montar o escritório. Ia-se civilizando ao mesmo tempo que enriquecia.

No verão desse ano, voltou de uma dessas viagens à China com uma pulseira de ouro para mim. Essa memória é feliz... O que eu sentia por ele não era amor no sentido normal da palavra, era mais como aqueles casais a quem os pais arranjaram o casamento e que aprendem a viver um com o outro.

Na altura torturava-me a noção de que o amor fosse algo que eu nunca viesse a conhecer. Lia as revistas femininas, via a televisão e não podia deixar de me perguntar: – Será que eu não sou feita como as outras? – A separação crescente do AhWai foi um grande trauma também. Doía-me que ele tivesse saído da minha vida sem eu ter notado por isso. Durante anos só o vi quando vinha buscar a mesada. Depois arranjou um emprego como segurança numa casa de massagens e já não lhe valia a pena vir receber a quantia que eu estava disposta a entregar-lhe. Já só nos víamos duas vezes ao ano, quando fazíamos as orações na campa dos pais, em Coloane.

Hoje, sei que posso amar. Mas o percurso da minha vida foi contrário à da maioria das mulheres; essas que são consideradas «normais» só porque tiveram quem as protegesse. Quisesse eu ou não, o Peter e o meu irmão estavam dentro do meu corpo (é claro, de formas diferentes). Ora, como a alma e o corpo não têm fronteiras, acabaram por entrar também na minha alma. Só mais tarde é que aprendi (tu sabes bem isso, Zé) que podia ser ao contrário: era possível alguém entrar na

nossa alma e só depois encontrar espaço no nosso corpo.

Por fim, foi o sucesso económico que acabou por me separar do Peter. Pouco depois de abrir o escritório começou a ter jantares de negócios. Ainda me levou a um ou dois, mas quase logo deu em desculpar-se. Foi o meu primeiro sinal de que os ventos estavam a mudar. Começou a comprar fatos e camisas vistosos. Quando comprou um carro novo – ele, que era tão somático – vi logo que iam surgir mudanças. Não sabia, porém, em que direcção iria a nossa relação. Nunca suspeitei que tivesse acabado por se tornar um genro potencialmente interessante para um qualquer comerciante vindo da China e recém enriquecido. Mas foi precisamente o que aconteceu.

Um dia, depois de jantar, saiu-se com esta: – Eu não quero morrer sem descendentes. De qualquer forma nós não somos casados. Portanto, decidi casar-me. – Percebi logo que queria dizer que não era comigo que se ia casar. Falava como se estivesse certo de que continuaria a viver comigo: – Caso-me para a semana. Aluguei hoje um apartamento na Kou Si Tak.

Não voltámos a falar durante essa noite. Só me ocorria que era vingança divina; que me estava a acontecer o mesmo que eu própria tinha feito ao Ah Wai; que a culpa era minha. Enquanto lavava os pratos caíam-me lágrimas. Parecia-me que tinha agora um buraco na bariga – porque tinha eu sido sempre tão cuidadosa com a pílula? Teria ele estado à espera de filhos sem me dizer nada? E eu, queria ter filhos dele? A resposta a essa pergunta era tão claramente negativa, que me ajudou a encontrar o caminho para a calma de que tanto precisava.

Quando foi à casa de banho, travei a porta do quarto. Dormiu duas noites de seguida no quarto do Ah Wai, enquanto eu digerira aquilo

tudo. Insistia muito em que nada mudaria entre nós. Ainda hoje acho que falava a verdade; realmente não queria que as coisas mudassem entre nós. Há algo de tão infantil nos homens, mesmo quando fazem porcarias!

Saiu de minha casa para o casamento! Três dias depois voltou para me visitar, trazia um pequeno presente. Depois, passava uma noite por semana comigo e eu... eu não preciso de esconder que, ao princípio, o conforto da sua presença, à qual me habituara desde há tanto tempo, não era mal vindo. Com o passar do tempo, no entanto, as nossas relações foram mudando.

Um dia, quando olhava para uma vitrine na San Ma Lo, vi-os a avançar juntos na minha direcção. Escondi-me a tempo na loja, com o coração a bater. Ela não sabia que eu existia, não importava se me visse; o que eu não queria era ser vista por ele! Senti-me humilhada e ao mesmo tempo furiosa comigo mesma por aceitar com tal facilidade uma situação tão inaceitável.

Por acaso, na noite desse mesmo dia, ele foi lá casa. Era visível que, conforme os meses passavam, vinha agora com mais vontade e que lhe custava mais sair no dia seguinte. Se calhar era eu que, inconscientemente, o acarinhava mais. Chegou a ficar duas noites de seguida.

Durante o dia, enquanto trabalhava silenciosamente na confeitaria, ia pensando. Preocupava-me. Como iria acabar aquilo tudo? Fui fazendo contas à vida. Era adulta, independente, livre. Que mais queria? Se ele voltasse a prender-se comigo, que ganharia eu com isso? A protecção que me dava, agora que estava livre do meu irmão e que o negócio estava estabelecido, era mais simbólica que outra coisa. Quanto ao resto... Será que ele me faria falta? Cheguei à conclusão que não faria; que saberia muito bem viver sem a sua presença física.

No entanto, se o tentasse expulsar, da forma como as coisas iam, acabava por o chamar de volta. E ainda por cima, ia voltar cheio de azedume. Concluí por fim que era ele que tinha de me abandonar. Demorou-me uns dias a conceber um plano.

O primeiro passo foi organizar para que, «por acaso», em casa de uma amiga comum, a mulher dele visse umas fotografias que eu e o Peter tínhamos tirado durante uma excursão à praia de Cheok Wan um ano antes. A princípio, em total inocência, era ele quem me ia relatando passo a passo os efeitos da minha intriga. Parece que ela fez uma enorme cena, pois não tinha tido a mínima ideia da minha existência. Depois de várias cenas de choro, obrigou-o a jurar que nunca mais me veria.

O passo seguinte foi mais arduo. Fui à lavanderia onde ele habitualmente mandava limpar os fatos e perguntei se havia lá algum fato dele. Como me conheciam de longa data, não hesitaram em deixar-me levar o fato para casa. Trouxe-o comigo e pus no bolso um recibo de material para a loja, onde estava claramente indicado o meu nome e endereço. No dia seguinte voltei lá, fingindo-me muito envergonhada. Confessei à dona do estabelecimento que tinha havido um engano. Pedi-lhe se não seria possível mandar o rapaz entregar o fato. Condoendo-se imenso comigo, a mulher entregou-o logo ao moço de recados.

Como esperava, foi uma bomba que caiu lá em casa. Ela estava grávida. Ameaçou-o logo de fazer aborto se voltasse a saber que ele me tinha visto. A meio da tarde, apareceu-me lá um dos «assistentes» dele a pedir-me se eu podia ir encontrar-me com ele num quarto reservado de um dos restaurantes ali perto. Estava entaladíssimo. Pediu-me imenso para ser compreensiva. Segundo ele, seria só necessário esperar pelo nascimento da criança. Até lá, não podia ver-me. A minha reacção de choro contido foi-

-me muito mais fácil do que esperava. De certa forma foi até genuína. Pensava eu então que era o fim de uma relação que, apesar de pouco feliz, tinha constituído um passo inevitável da minha vida

O meu terceiro e derradeiro ardid foi executado nessa mesma noite. Telefonei para a mãe dela. Com uma voz muito dorida, pedi-lhe para entreceder por ele em frente à filha. Conte-lhe que estava até disposta a deixá-lo, caso fosse de todo necessário, mas que não queria que ele sofresse a tragédia de perder um filho, que há tanto desejava e que eu nunca lhe tinha dado. Ele tinha direito à felicidade e eu não podia pôr-me no caminho, mesmo que isso me doesse muito.

O escândalo que rebentou foi bem maior do que eu tinha previsto. O sogro mandou um grupo de «amigos» fazerem-lhe uma espera. Deram-lhe uma sova exemplar. Por fim, um deles, que tinha em tempos sido companheiro de maldades do Peter, intercedeu a seu favor. Acabaram por chegar a um acordo. Foi o Ah Wai que veio contar-me. Tal foram as ameaças que nunca mais o vi a partir dessa data, excepto uma vez que nos cruzámos na rua. Olhou para mim com um ar espantado. Apertou-me muito a mão, mas fugiu logo, dizendo temer que nos vissem juntos.

Começou então um período da minha vida em que, não fosse alguma ponta de tédio, eu poderia ter sido finalmente feliz. Jogava *mah-jong* com amigas do bairro ou ia com elas ao cinema. Via muita televisão. Fiz vários cursos nocturnos.

Como fui eu capaz de agir assim; com essa segurança, com essa frieza e maldade? Terei sido mesmo má? Eu era muito jovem e o contexto era muito brutal, os riscos elevadíssimos. Olho para a minha vida passada e quase não me reconheço. Mas, naquela altura, não tivesse eu sabido lutar, teria soçobrado.